

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistados: Maria da Conceição Oliveira e Domingos Batista Oliveira

Comunidade Onça de Baixo, município de Virgem da Lapa, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Outubro, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Uma grama de ouro por dia – Entrevista de Maria da Conceição Oliveira e Domingos Batista Oliveira. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Dona Maria e seu Domingos se conhecem desde pequenos. Vindos de Córrego de Laranjeiras, constituíram família roçando nas terras de Massacará, em conjunto com a Comunidade de Onça de Baixo. O nome vinha do córrego que tinha água abundante. “Tinha muita água, a nascente era lá na chapada. Mesmo quando a chuva estiava ele continuava correndo”, lembra dona Maria. Plantavam milho, feijão, mandioca, e até hoje seguem com a atividade como podem. “Só plantamos milho e mandioca mansa; a chuva de tempos para cá não chega”, lamenta ela. Ao lembrar festas, como a de Santa Cruz, em 3 de maio, e de Nossa Senhora da Lapa, em 15 de agosto, recordam da libertação dos escravos, história que ouviam de seus ancestrais. “Eles foram libertados e aí inventaram essa reza.”

Maria da Conceição Oliveira – A comunidade aqui é Massacará. Mas a comunidade mesmo, principal, toda, é Onça de Baixo. É porque são dois córregos, a comunidade é lá, e aqui é um córrego e chama-se Massacará. Mas não é comunidade, a comunidade chama Onça de Baixo. Eu nasci em 1944, dia 29 de agosto.

É mesmo, então a senhora tem 70 anos. E o senhor, como é seu nome?

Domingos Batista Oliveira – Eu sou de 1939, dia 30 de outubro, já estou com 75 anos.

Vocês nasceram nesta comunidade?

Maria da Conceição – Não, nascemos em outra comunidade. Mas quando nascemos não se chamava comunidade. Eu nasci no Córrego de Laranjeira.

E o senhor?

Domingos – Também foi lá.

Como vocês vieram parar aqui?

Maria da Conceição – Viemos para cá porque éramos pequenos, e meu pai deu de vir morar aqui, e trouxe nós pequenos. Ele ainda ficou por lá mais um tempo, e depois, já

crescidos, casamos e eu fui morar com ele lá novamente, e depois viemos para cá e estamos aqui até hoje.

As famílias de vocês já se conheciam de lá?

Maria da Conceição – Éramos conhecidos, parentes, primos, pais, avós, tudo parente.

Os filhos de vocês nasceram aqui em Massacará?

Maria da Conceição – Foi. Mas a primeira nasceu lá no Córrego de Laranjeira, sou mãe de cinco filhos. Duas meninas, que já são casadas, três meninos, um mora em São Paulo e dois já falecidos. Mas tudo homem já, o mais novo, que morreu já há uns sete anos, estava com 32 anos de idade.

E como criaram seus filhos, o que cultivavam ou faziam?

Maria da Conceição – Trabalhava fazendo roça, ou trabalhava um dia para uma pessoa, ou para outra, era assim.

A vida, naquela época era melhor ou pior que agora?

Maria da Conceição – Em alguns pontos era melhor porque chovia mais, e as lavouras vingavam mais. Agora hoje, em certos pontos supera, está melhor hoje.

Por que a senhora entende que hoje está melhor?

Maria da Conceição – Mudou muitas coisas, “para trás” a gente não tinha ganho de nada, não vinha ajuda como está vindo hoje. Não tinha ganho de nada em canto nenhum.

Hoje vocês têm que tipo de ajuda?

Maria da Conceição – Antes da gente se aposentar, tinha ajuda que vinha de vez em quando, a gente ganhava alguma coisa, uma feira, ajudava a gente muito. Outra hora ganhava roupa, porque tínhamos hora que não tínhamos. Mas depois que nós aposentamos, melhorou mais, melhorou muito mais.

Quando vocês se aposentaram?

Maria da Conceição – Teria que pegar o papel, assim eu não lembro.

Mais de dez anos?

Maria da Conceição – Sim, tem mais.

E o senhor?

Maria da Conceição – Foi junto.

Quando vocês falaram de roça, o que vocês plantavam?

Maria da Conceição – Plantava milho, feijão e mandioca. E até hoje a gente trabalha ainda, mas bem pouquinho, só planta milho e mandioca mansa. A chuva de tempos para cá não chega, tem plantações que chegam numa altura que não vingam, perde.

Quando vocês vieram para cá, qual era a diferença desse local, de antes para agora, tinha muita gente, como era?

Maria da Conceição – Tinha bastante gente aqui. Tinha gente mais velha e bastante gente nova também. Depois os mais velhos foram morrendo, os mais novos foram saindo para fora, e ficou pouca gente.

Hoje, quantas famílias tem aqui?

Maria da Conceição – Aqui em Massacará, tem sete famílias.

Todos moram aqui?

Maria da Conceição – Sim.

Vocês ficam aqui o tempo todo, ou ficam em Virgem da Lapa e voltam?

Maria da Conceição – Não, ficamos aqui o tempo todo. Só vamos lá dia de feira e dia de pegar nosso trocado, depois volta.

Antes, quando vocês chegaram aqui, quando casaram, tinha festa, como vocês se divertiam?

Maria da Conceição – Festa com sanfona, não. Mas todo ano tinha uma reza ali no cruzeiro. Uma reza que a gente reza cem vezes a mesma reza, ajoelhando e levantando, chama-se Santa Cruz.

Domingos – Até hoje tem, dia 3 de maio, todo ano reza.

Maria da Conceição – Daí, quando era o tempo de agosto, dia 15 de agosto, a gente ia muito lá na festa de Nossa Senhora da Lapa.

Essa reza que a senhora falou, que reza cem vezes, na festa de Santa Cruz, qual reza que é?

Maria da Conceição – É assim, mas eu não vou seguir ela toda não. “O, minha arma, ponte e reza, forte, a morte, vem no passar. No caminho... cruz, de mim satanáas ou a cruz o dirá. Olha a reza de Santana... Hoje no dia de Santa Cruz mais de cem vezes me ajoelho, cem vezes ave Maria rezei. Cem vezes pelo nome de Jesus chamei, cem vezes me levantei e cem vezes me ajoelhei”. Aí, a gente está de joelho, levanta, faz o nome do Pai, quem quer, e torna ajoelhar. Cem vezes. É uma hora e meia de reza.

Domingos – É a reza que “liberou” os cativeiros.

Maria da Conceição – No princípio do mundo... não era o cativeiro, um outro povo...

Domingos – Era cativeiro...

Maria da Conceição – Daí eles falaram para nós libertar essa...

Domingos – Não era libertar.

Maria da Conceição – Aí eles pegaram, e fizeram essa reza, e foi libertado. E ficou, do princípio do mundo.

E – Para libertar os escravos?

MCO – É. Ou libertar ou comemorar, não sei. Eles foram libertados e aí inventaram essa reza.

É dia 3 de maio?

Maria da Conceição – É, 3 de maio.

E isso quem contou para vocês, seus pais, avós?

Domingos – A gente já “achou” eles celebrando essa reza.

Maria da Conceição – Quem contou para nós, foram nossos pais que eram mais velhos. O pai de meu pai, contou para meu pai, e meu pai contou para nós. E eu conheci o pai de meu pai contando para meu pai ainda, Tomé. Eu conheci meu avô, pai de meu pai. Conheci o pai de minha mãe.

A senhora tem ex-escravos na sua família?

Maria da Conceição – Eu não.

Mas a senhora lembra deles contarem isso? Porque os quilombolas são os descendentes de ex-escravos, que fugiram e ficaram em lugares escondidos. Vocês já são descendentes de alguém que já foi escravo, lá para trás. Essas histórias os pais de vocês contavam?

Maria da Conceição – Não, isso aí eles não contaram para nós não, assim não.

Do tempo da escravidão, como era naquele tempo, eles não contaram para vocês?

Domingos – Não.

Vocês sabem por que a reza de Santa Cruz é feita dia 3 de maio?

Domingos – Eles falaram para nós que é só porque esse negócio dos escravos, né. O que eles contaram foi isso, que foi para libertar os escravos.

Depois da reza tem alguma outra coisa que faz para marcar essa data? Só tem a reza, ou depois também dança, tem comida?

Maria da Conceição – Dança e come, bebe, come frango caipira. E come biscoito, bebe café, bebe vinho, bebe cachaça, bebe tudo. Quando é sanfona, é sanfona, quando não é liga um som alto e dança até o dia amanhecer.

O que vocês dançam?

Maria da Conceição – Forró, aí no terreiro. Homem abraçado com mulher, mulher abraçado com homem, e dança. Dança dentro de casa.

Mas antigamente vocês dançavam o que nessa festa, era a mesma coisa ou mudou com o passar do tempo?

Maria da Conceição – Mudou, porque de uns tempos para trás era sanfona, viola, violão. E de uns tempos para cá mudou muito porque os meninos novos não querem sanfona, nem viola, nem violão, só quer “som”. É só isso que mudou.

Mas ainda tem os instrumentos?

Maria da Conceição – Tem, lá em cima, aí na comunidade, ainda tem. Nós mesmos não temos sanfona, essas coisas, mas tem um vizinho que tem.

Vocês sabem o que quer dizer Massacará?

Maria da Conceição – Não sei.

Por que tem esse nome?

Maria da Conceição – Quando viemos para cá, porque morávamos lá na Laranjeira, já tinha uns fazendeiros aí, e esse córrego tinha esse nome. Mas eu saber porque, não sei.

E esse córrego, tinha muita água?

Maria da Conceição – Tinha muita. A nascente era lá na Chapada, e corria de lá, direto. Mesmo quando a chuva estiava ele continuava correndo. Depois foi acabando, acabando, a mina lá em cima, dizem que secou, acabou.

E vocês chegaram a pegar ouro aí?

Maria da Conceição – Aqui nesses córregos, para baixo, para trás, pegava. Muito pouco, mas pegava, não dava muito não. A gente ia com a bateia, tirava. Tinha vez que tirava uma grama por dia, outro dia ia e não tirava nada. Tinha semana de tirar umas 5 gramas, era assim. Agora, depois que a água acabou, nada.

Vocês sabem quantos anos tem a comunidade aqui? Cem anos, duzentos, cinquenta, a senhora sabe?

Maria da Conceição – O Massacará?

É.

Maria da Conceição – Tem mais. Porque quando eu cheguei aqui, tinha umas velhas que já eram velhas e moravam aqui, já tinha esse nome, e elas já morreram há uns oitenta anos, ou mais. Mas já tinha esse nome, e elas já moravam, velhinhas.

Como era o nome delas?

Maria da Conceição – Essa que eu lembrei chamava Maria, mas a gente tratava como Iaiá.

Ela morreu muito idosa?

Maria da Conceição – Acho que uns noventa e poucos ela tinha. A gente não sabia muito dessas coisas, porque os mais velhos, tinham coisas que não falavam com a gente. Por exemplo, quando chegamos aqui, meus irmãos foram para a escola, em Virgem da Lapa. E meu pai, não sei, ele tinha uns problemas, e vocês desculpem eu falar, mas ele não deixou eu ir para a escola não, disse que eu já era velha, deveria trabalhar. Não sei nem como pega num lápis para escrever, ele não deixou eu ir para a escola, disse que eu já estava grande, que era para trabalhar.

Quantos anos a senhora tinha?

Maria da Conceição – Devia ter uns 12 anos, por aí. E os outros mais novos é que foram para a escola.

A senhora então nunca foi para a escola?

Maria da Conceição – Não.

Mas a senhora lembra de querer ir?

Maria da Conceição – Eu, meu Deus, eu queria ir sim, mas ele não deixou. Quando tinha forró, dança, eu hoje chamo forró, mais para atrás era dança, meu pai não deixou eu dançar. Eu não sei dançar porque meu pai não deixou. Ele passava assim pertinho de mim dançando, e eu sentada olhando para ele. Aí as outras duas, que é a Domingas e a Santa, são minhas irmãs. A Domingas mora ali em cima, e a Santa mora em São Paulo, elas não assuntaram com meu pai, e elas aprenderam a dançar. E eu não sei pegar num homem para dançar não (risos).

O que elas dançavam era sempre forró ou tinha outro tipo de dança?

Maria da Conceição – Eles tocavam sanfona, eram umas músicas até bonitas. Agora hoje, eles dizem que é forró.

A senhora lembra de alguma música de antigamente?

Maria da Conceição – Assim para cantar não.

E o senhor, estudou?

Domingos – Foi a mesma coisa. Eu comecei a trabalhar desde os oito anos de idade, na enxada, na foice. Não tinha escolas, não é que não tinha, mas não tinha condição de estudar não.

O senhor lembra que outras pessoas estudavam, ou ninguém conseguia estudar?

Domingos – A gente morava em Laranjeiras e não tinha.

Maria da Conceição – Era longe daqui de Virgem da Lapa, não tinha condição de vir de lá para estudar aqui.

E o senhor chegou a dançar, tocar sanfona?

Domingos – Tocar sanfona, esse negócio de instrumento não. Agora esse negócio de brincar, de dançar, isso aí até hoje se dá para eu ir, ainda brinco.

E o senhor vai onde, na festa do Rosário, ou aqui na festa de Santa Cruz.

Domingos – Na festa do Rosário, até já trabalhei de ajudante, batendo tambor, muitos anos atrás. Depois acidentei essa mão, e ficou ruim para movimentar. Para trabalhar com ferramenta eu tenho que segurar com as duas mãos, porque só com essa não dá. A mão é sem jogo, eu acidentei, foi um golpe de foice aqui ó.

E o senhor aprendeu a batucar com quem, tocar tambor, com quem?

Domingos – Foi com meu sogro, que era o pai dela, e os companheiros aí.

Maria da Conceição – E o pai de meu pai. Primeiro foi com o pai de meu pai. Ele tocava, lá na festa do Rosário, batia tambor. Aí meu pai acompanhou e, meu tio Mariano também, junto do meu tio Antônio de Barros. Aí aprenderam e ficaram muito tempo trabalhando na festa do Rosário. E mais outros primos. Tem um velho no Curral Novo, chama Justiniano, parece que ele já completou cem anos. Ele brincou muito, mas agora não está mais brincando na festa do Rosário porque a idade passou. Mas trabalhou muito. Meu pai era capitão de tambor, e esse Justiniano era uma outra coisa.

Domingos – Ele cantava.

Maria da Conceição – É. Aí esse Justiniano está vivo, parece que ele ia completar cem anos esses dias.

Aonde ele está?

Maria da Conceição – Ele mora lá no Curral Novo.

A senhora falou que seu pai ensinou o seu Domingos a tocar tambor. No começo, quando seu avô era novo, já tinha festa do Rosário? A senhora lembra de ele falar de quando criança ele já participava?

Maria da Conceição – Não lembro não. Eu não sei como ele entrou na festa do Rosário.

A cultura quilombola, toda essa tradição que vocês têm, vocês acham que está se perdendo com o passar do tempo, ou os mais jovens têm a preocupação de aprender o que vocês faziam antes, de manter essas tradições todas, seja na dança, seja na comida, na forma como vocês vivem, de plantar e colher. Isso é uma coisa que vai ser mantida ou vocês acham que vai se perder com o passar do tempo?

Maria da Conceição – Como era para trás, esses novatos que tem hoje não estão querendo fazer como era antes não. Eles querem seguir para frente, mas do jeito que está. Tem alguns que nem gostam que a gente fale como era tempos atrás. Eu já ouvi gente dizer “ah, isso aí é coisa de velho, coisa de antigo”.

Mas quando tem os batuqueiros, tem gente nova também?

Maria da Conceição e Domingos – Tem, e muito, muito mesmo.

Domingos – Agora mesmo, depois de amanhã, vai ter festa do Rosário em Virgem da Lapa. Mas não tem gente como era no meu tempo. Mas meu sogro, meus compadres, já mexeram muito o sistema de andar com a festa.

Vocês lembram de alguma música de outros tempos e que não tem mais?

Domingos – Eu esqueci tudo, minha cabeça hoje em dia não está boa para lembrar mais não.

O senhor comentou até de toque, tinha toque do tambor que o senhor não escuta mais hoje?

Domingos – Não lembro mais. Tem muitos anos que deixei de mexer com a festa, esqueci tudo.